

2. A organização sindical dos trabalhadores do mármore na segunda metade do século XX

(*Armando Quintas e Ricardo Hipólito*)

Evolução da estrutura sindical

A partir da década de 1930, com a criação de sindicatos controlados pelo governo, os trabalhadores da indústria dos mármore do Alentejo são agrupados num único sindicato, muito mais amplo em termos profissionais, que se começou por denominar *Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil e Ofícios Correlativos*, com sede em Lisboa e secção distrital em Évora.

Este tipo de sindicato (nacional) surge após o decreto-lei n.º 23050 de 23 de Setembro de 1933, legislação que ao exigir o enquadramento sindical no sistema corporativista do Estado Novo, acaba por extinguir os sindicatos livres e as associações de classe que até aí vinham funcionando¹⁶.

A secção de Évora será criada em 1938, integrando de início essencialmente operários da cidade de Évora e arredores.¹⁷

Tratava-se de uma estrutura vertical (controlada pelo governo), que exigia a filiação dos operários da respectiva actividade profissional ao mesmo tempo que tentava impedir que os patrões contratassem aqueles que nele não estivessem integrados.¹⁸ Segundo Fátima Patriarca, estes sindicatos “têm por base a profissão e por âmbito o distrito. Dentro de cada área geográfica só é reconhecido um sindicato por profissão. A ele é atribuído o monopólio da representação profissional e esta abrange a globalidade da categoria”¹⁹.

Em 1945 o sindicato já mantém em funcionamento um grupo desportivo, cujos estatutos são aprovados a 25 de Dezembro por alvará da Fundação Na-

¹⁶ *Diário do Governo*, I Série, n.º 217, de 23 de Setembro de 1933.

¹⁷ Arquivo Distrital de Évora (ADE), Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, Caixa 399, Mapa explicativo da fusão, integração e mudança da designação deste sindicato.

¹⁸ Em Maio de 1940, o despacho do Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, vêm exigir a filiação dos operários adstritos a esta secção, avisando também os patrões, de que não deveriam manter ao seu serviço operários cuja situação sindical não estivesse regularizada. *Diário do Governo*, I Série, n.º 114, de 17 de Maio de 1940.

¹⁹ Patriarca, Fátima. “A institucionalização corporativa – das associações de classe aos sindicatos nacionais (1933)” In *Análise Social*, Vol. XXVII (110), (1991), 24.

cional para Alegria no Trabalho (FNAT)²⁰. As primeiras alterações à orgânica do sindicato surgem a partir de 1967, quando se começa a discutir a hipótese de remodelação do sindicato, chegando mesmo a ser aprovada, em assembleia geral extraordinária de 5 de Julho, a alteração da denominação para *Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil, Metalúrgicos e Ofícios Correlativos do Distrito de Évora*, tendo como questão central a integração dos operários metalúrgicos do distrito, que injustificadamente teriam que ser integrados na distrital de Portalegre porque ali já existia essa secção profissional.²¹

Mas esta decisão não vingou e o assunto arrasta-se até 1973, quando, em assembleia geral de 31 de Maio, se decide aprovar a remodelação estatutária e a alteração de denominação para Sindicato Nacional dos Profissionais das Indústrias da Construção Civil, das Pedreiras, Serração de Madeiras e Carpintaria Mecânica do Distrito de Évora, obtendo no mês de Agosto, aprovação superior, por parte do Ministério das Corporações e Previdência Social.²²

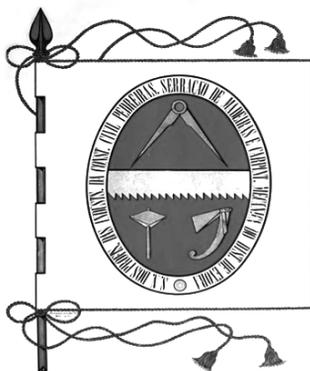


Figura 1 - Estandarte do sindicato, década de 1970²³

Contudo, por pouco tempo vigoraram estas remodelações, já que a revolução de 25 de Abril de 1974 trouxe consigo toda uma nova realidade política. Em primeiro, lugar o Decreto-Lei n.º 215-B/75 de 30 de Abril, que visou a regulação do exercício da liberdade sindical, assegurando aos trabalhadores

²⁰ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 2, Alvará da FNAT para aprovação dos estatutos do Grupo Desportivo do Sindicato da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Évora.

²¹ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1967-1985), 1-1v.

²² ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1967-1985), 3v-4. ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 1, Alvará do Ministério das Corporações e Previdência Social de 1 de Agosto de 1973.

²³ ADEVR/ASS/STCMMMSEVR/H/001/0020, Documento cedido pelo Arquivo Distrital de Évora.

entre outras questões, “o direito de associação sindical para defesa e promoção dos seus interesses sócio-profissionais” bem como a possibilidade de celebrar convenções colectivas de trabalho.²⁴

Esta legislação permitindo uma livre associação sem interferência do estado e dos patrões teve reflexos imediatos nas estruturas sindicais do país. Em Junho, foram aprovados novos estatutos decorrente de uma remodelação que vinha tendo lugar desde os primeiros dias da revolução e que levava à saída de elementos afectos ao regime deposto.

De entre os vários pontos, destacam-se no artigo 5º as alíneas: “a) Defender e promover, por todos os meios ao seu alcance, os interesses colectivos dos associados, sejam da ordem moral ou material; b) Promover, em estreita cooperação com as restantes organizações sindicais, a emancipação a todos os níveis da classe trabalhadora e i) Intervir nos processos disciplinares instaurados aos associados pelas entidades patronais e pronunciar-se sobre todos os casos de despedimento”²⁵

Também o âmbito regional se alarga aos distritos de Beja e Portalegre com a nova denominação: Sindicato Livre dos Trabalhadores das indústrias de Construção Civil, Pedreiras, Serração de Madeiras e Carpintaria Mecânica do Alentejo (Distritos de Évora, Beja e Portalegre).²⁶

Uma nova alteração dos estatutos e da denominação dar-se-ia em 1981 renomeando-se Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil, Mármore e Madeiras do Alentejo, a fim de permitir a filiação no mesmo dos “trabalhadores das Indústrias da construção civil, das pedreiras de mármore, granitos e a sua transformação e ainda as indústrias de serração de madeiras e carpintarias mecânicas e marcenaria, exercendo o sindicato a sua actividade nos distritos de Évora, Beja e Portalegre”.²⁷

Os operários filiados e a evolução da adesão ao sindicato

O estudo da documentação possibilita-nos verificar a realidade das adesões ao sindicato, através dos livros de registo e boletins de inscrição dos asso-

²⁴ Consultar *Diário do Governo*, I Série, nº 100, Suplemento I, de 30 de Abril de 1975

²⁵ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1967-1985), 8v-9

²⁶ Estatutos do Sindicato Livre dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil, Pedreiras, Serração de Madeiras e Carpintaria Mecânica do Alentejo (Abrange os Distritos de Évora, Beja e Portalegre), Tipografia Eborauto, Lda., Évora.

²⁷ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1981-2000), 1v-22

ciados.²⁸

O crescimento anual das mesmas, foi de certa forma regular até vésperas da Revolução de Abril, momento a partir do qual se dá uma enorme adesão da massa trabalhadora à estrutura sindical, fruto da nova ordem política que permitia reivindicar melhores condições laborais e salariais.

O gráfico da figura 2 mostra o quantitativo de novos filiados ano, verificando-se dois períodos de grande afluência, um deles já referido, coincidindo com o momento revolucionário, durante o qual o sindicato funcionou como veículo para as reivindicações, um outro no ano de 1967, momento em que se regista uma ligeira afluência, em virtude da evolução da economia industrial, nomeadamente no sector dos mármore alentejanos.²⁹

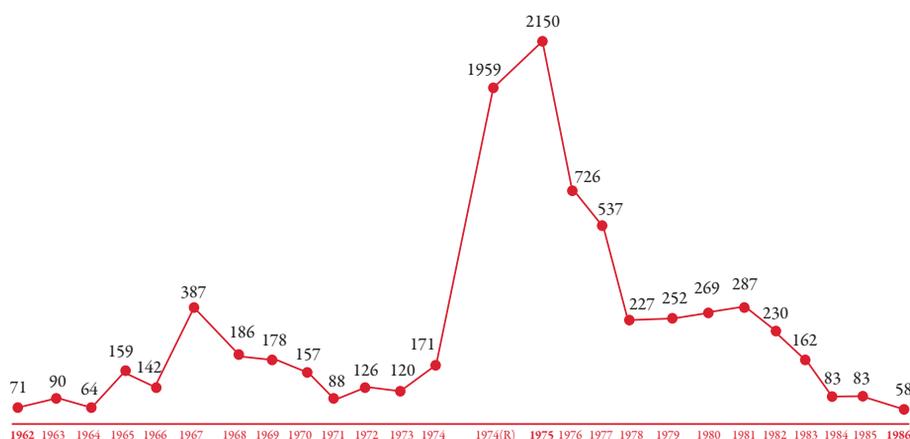


Figura 2 – Evolução das adesões ao sindicato (1962-1986)

A partir desta década, a indústria de extração e transformação dos mármore, conhece um grande desenvolvimento, vendo a sua importância no contexto regional e até nacional, crescer exponencialmente. O incremento industrial e o aparecimento de muitas explorações que exigiam grande quantidade

²⁸ Infelizmente para o período que medeia 1938 a 1961, a informação disponível não nos permite estabelecer os quantitativos anuais, sendo 1948 o total de adesões ao sindicato durante este período.

²⁹ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 36 e 37, Livros de registo nº1-nº4 dos Sócios do Sindicato Nacional dos operários da construção civil e ofícios correlacionados do distrito de Évora s.d.; ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 7-21, Boletins de inscrição de sócios 1962-1986.

de mão-de-obra, reflectiu-se ao nível do sindicato, verificando-se a sua importância na globalidade das diversas profissões representadas por este organismo, onde nesse ano de 1967, dos 371 filiados, 271 das adesões correspondiam a trabalhadores do sector dos mármore, ou seja 70% do total. No período revolucionário os valores oscilam entre 541 trabalhadores dos mármore para um total de 1959 adesões, no ano de 1974 ou de 640 trabalhadores num universo de 2150 novos filiados para 1975.

Faz-se a ressalva de que, no entanto, estes números podem não representar a totalidade dos operários. Ainda que fosse obrigatório a sua filiação aos sindicatos nacionais, muitos não o faziam, porque na realidade estes organismos para os quais tinham que quotizar não respondiam às suas reivindicações, antes pelo contrário, tentavam evita-las. Por outro lado, depois da revolução a pertença a estruturas sindicais passa a ser voluntária, facto que determina e explica a grande afluência ao sindicato de muitos operários, mas também o decréscimo posterior ao período revolucionário.

No âmbito profissional, ainda que restritas sobretudo ao sector da construção civil e ofícios correlativos, as profissões dos associados revelaram uma grande heterogeneidade, pautando-se pela predominância das profissões de pedreiro e servente de pedreiro.

Relativamente à indústria dos mármore, as profissões representadas no sindicato também apresentam uma enorme variedade, contendo muitas vezes nomenclaturas diferentes para ocupações idênticas. A partir do levantamento efectuado sobre as categorias profissionais descritas nos registos de sócios, foram identificadas 64 categorias diferentes, representando desde responsáveis pela exploração, os encarregados, aos trabalhadores manuais, ao corte de mármore e operários de máquinas, entre outros. Agrupadas consoante a sua similitude, procurou-se fornecer uma descrição sobre cada uma delas no final deste texto.

Sobre a evolução da adesão ao sindicato por parte dos operários da indústria dos mármore, os dados disponíveis permitem-nos elaborar uma visão quantitativa em relação às categorias mais representativas deste sector dentro da estrutura sindical (fig. 3).

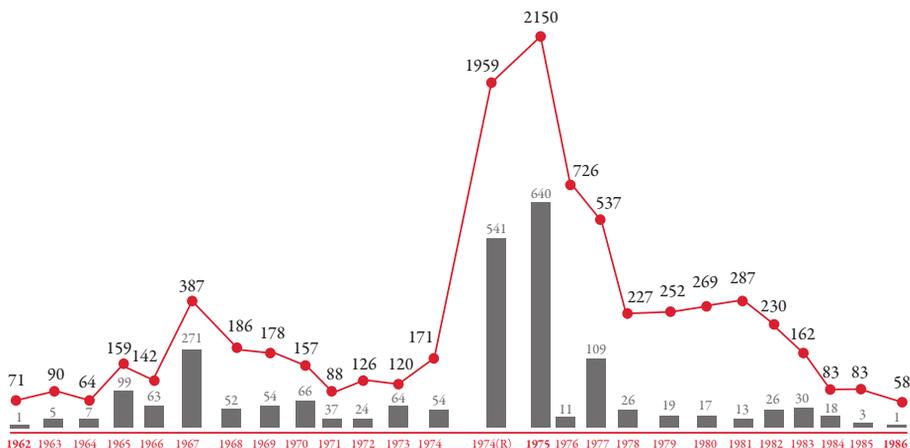


Figura 3 – Filiação de profissionais dos mármore (1962-1986)

Seguindo o gráfico representado, verifica-se o que já fora acima referido, a afluência durante o período de 1967 e o período revolucionário de 1974/1975. Uma outra análise aos dados apresentados (fig. 4), permite-nos também verificar que as categorias profissionais mais expressivas dentro do universo da indústria dos mármore eram as profissões de cabouqueiro de pedreira, desbastador de pedreira e trabalhador de pedreira, ou seja, as profissões cujo trabalho era exercido sobretudo à força de braços, necessário em grandes quantidades para as muitas explorações que vinham sendo abertas no período de expansão desta actividade.

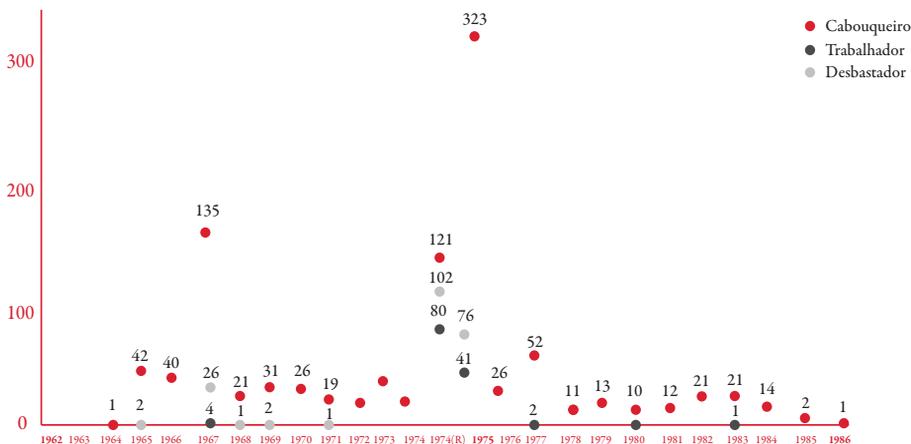


Figura 4 – Profissões predominantes na indústria dos mármore (1962-1986)

A revolução e a luta sindical (1974-1986)

A revolução do 25 de Abril de 1974 devolveu aos sindicatos a liberdade que tinha sido arrebatada com o corporativismo do Estado Novo. O efeito imediato nos dias seguintes à revolução foi o dismantelar das estruturas fascistas, reformando as instituições e expulsando os seus apoiantes.

As assembleias Gerais do Sindicato de 27 de Abril, de 20 de Setembro de 1974 e de 15 de Março de 1975 tiveram como ponto de ordem “eleger membros directivos para preenchimento de vagas existentes no organismo”.³⁰

Esta situação iria manter-se até Agosto de 1975, contando o sindicato também com a presença de militares do MFA nas reuniões de 23 de Agosto e 23 de Setembro desse ano, reflectindo assim a instabilidade política do momento.³¹

Outra realidade resultante da revolução e das lutas sindicais foram as ocupações. Em primeiro lugar do próprio sindicato, quando em 14 de Agosto de 1976 se aprovou em assembleia geral a demissão das funções de todos os membros dos corpos gerentes por se considerar não estarem à altura de gerirem os destinos do sindicato. Em seu lugar foi nomeada uma comissão directiva.

Em segundo lugar nas empresas, onde existia muita pressão sobre os trabalhadores sindicalizados, mesmo já depois do 25 de Abril, quando os patrões e encarregados não permitiam a realização de plenários, nem a discussão salarial, ameaçando com despedimentos e perda de regalias laborais.³² Em muitas empresas começou a fazer-se greve e depois criaram-se comissões de trabalhadores que acabam por tomar conta da gestão das empresas.

Para continuarem as suas reivindicações, o sindicato faz-se representar no congresso de todos os sindicatos, que teve lugar no pavilhão dos desportos em Lisboa no dias 27, 28, 29 e 30 de Janeiro de 1977. O encontro representou cerca de 250 sindicatos e à volta de um milhão e 600 mil trabalhadores. Deste evento saíram as propostas para a reformulação da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, Intersindical Nacional e um programa de acção e caderno reivindicativo para: 1) Combater o desemprego, 2) Contratação colectiva, 3) Política de preços e abastecimentos, 4) Política salarial e 5) Condições sociais de vida.³³

³⁰ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1967-1985), 4v-8v

³¹ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 3, Livro de Actas da Assembleia Geral (1967-1985), 9v-10v

³² A última parte deste capítulo, que aborda os testemunhos orais recolhidos, debruçar-se-á sobre estas questões.

³³ *Congresso de todos os sindicatos*, Edições Alavanca nº 7, CGTP – Intersindical, 1977, 148, 149

Outro dos objectivos pelo qual vinham lutando os operários era a adopção de um contracto colectivo de trabalho (C.C.T.) o qual para a indústria dos mármore se encontrava suspenso desde 1976 e só viria a ser conseguido em 1979. Este C.C.T. para as indústrias de mármore, granitos e ramos afins foi uma vitória para a classe trabalhadora. Convencionado entre a Associação Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos afins (Assimagra) e o sindicato, instituído, com a duração de 18 meses, trouxe um conjunto de melhorias significativas aos trabalhadores.³⁴

Desde logo pela clara definição das categorias profissionais dos trabalhadores e das funções de cada uma delas³⁵. Do reconhecimento de um conjunto de regalias laborais e salariais como a estipulação do período normal de trabalho de 45 horas semanais de segunda a sexta-feira; do direito a férias remuneradas e do subsídio de Natal e ainda de um conjunto 12 dias de feriados obrigatórios no ano incluindo o 25 de Abril e o 1º de Maio

Contemplou-se ainda os direitos das mulheres enquanto trabalhadoras, nomeadamente através de “dispensa durante o período de gravidez e sem diminuição de retribuição, de tarefas que a obriguem a longa permanência de pé ou outras posições incómodas ou que impliquem grande esforço físico”, bem como ao direito de “interromper o trabalho diário em dois períodos de meia hora ou um de uma hora para aleitação dos filhos, sem diminuição da retribuição nem redução do período de férias, durante o prazo de oito meses após o parto”.

Já na década de 80, longe do fulgor reivindicativo pós revolucionário, mas na senda da luta por melhores condições de trabalho, o sindicato decide organizar o 1º Encontro sobre Higiene e Segurança no Trabalho no sector dos mármore.³⁶ Realizado no Cine-Teatro de Vila Viçosa, a 8 de Novembro de 1986, em plena entrada de Portugal à CEE, este encontro (onde participaram 225 delegados e 30 convidados) vem reunir os operários do sector em torno da necessidade de pressionar as empresas para melhorar as condições laborais referentes à segurança e higiene presente nas explorações fabris.

São expostas as condições de higiene e segurança após um levantamento empresa a empresa, verificando que apenas 14% dos locais de trabalho possuíam refeitório em condições, só 2,5% tinham instalações sanitárias em condições aceitáveis, eram mínimas as empresas onde existiam capacetes, vestuário,

³⁴ Contracto Colectivo de Trabalho (C.C.T.) para as indústrias de mármore, granitos e ramos afins. Publicado no *Boletim do trabalho e emprego*, nº 5, 1ª série de 8 de Fevereiro de 1979

³⁵ Ver lista das profissões no final deste texto.

³⁶ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 460 – 1º Encontro sobre Higiene e Segurança no trabalho no sector dos mármore.

botas, luvas e outras protecções no trabalho, menos de 1% tinham postos de socorro e nenhuma empresa possuía socorristas, nem enfermeiros.

Sendo, segundo os operários, a percentagem de acidentes demasiado elevada, em torno dos 7%, e as condições em que eram tratados os acidentados, pois em muitas empresas se negava o transporte dos feridos para as unidades de saúde, tal justificava a tomada de posição sindical para exigir melhorias nos locais de trabalho.

O sector dos mármore era, segundo os mesmos, “uma das indústrias mais ricas do nosso país, por ser um produto criado pela natureza e que não necessita de qualquer tratamento para a sua criação, o que, como tal proporciona ao patronado uma grande margem de lucro, pela sua expansão e utilidade no país e no estrangeiro, por isso nós pensamos que este sector não tem razão alguma para não investir na criação de melhores condições de higiene e segurança no trabalho”.³⁷

O encontro finalizou com a aprovação de um documento que teve como objectivos imediatos, o cumprimento do Regulamento Geral de Segurança e Higiene no Trabalho de Minas e Pedreiras, que estava aprovado há mais de dois anos mas que não era aplicado. Propôs-se ainda a institucionalização das comissões de higiene e segurança no trabalho, a criação do serviço de medicina no trabalho e a elaboração de uma lei quadro de prevenção de riscos profissionais.

A história oral no estudo do sindicalismo na indústria do mármore

Tendo a Revolução dos Cravos acontecido há relativamente pouco tempo, e com ela o *boom* de adesão ao sindicato, muitos daqueles que no sector dos mármore viveram em contexto laboral as vicissitudes que a mudança de regime impôs, no que à actividade sindical diz respeito, ou ainda se encontram no activo ou, já estando aposentados (a maioria), muitos ainda têm na memória as recordações daquele período e das transformações que o mesmo impôs.

As memórias destes trabalhadores são um relato o mais aproximado possível da realidade do quotidiano das pedreiras e oficinas. Não existindo fontes e dados concretos que possibilitem analisar o impacto do sindicalismo no microcosmos laboral com o desejado rigor, a realização de entrevistas pode ajudar a suprir essa carência e a encontrar novos dados que permitam outro tipo de análise ao impacto real dos sindicatos, que não apenas os resultantes das estatís-

³⁶ ADE, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, cx. 460 – 1º Encontro sobre Higiene e Segurança no trabalho no sector dos mármore.

ticas. Neste contexto, a história oral surge como uma ferramenta indispensável para este tipo de trabalhos. Destaca-se como um processo de criação de fontes que por sua vez permitem fazer História.

A selecção de uma amostra de trabalhadores, tendo em conta as diferentes profissões que compõem a micro-sociedade das indústrias e a construção de guiões de entrevista em função das categorias profissionais, de se tratar de um operário ou de um patrão, são estratégias essenciais para uma correcta e eficaz recolha de depoimentos e para a certeza que a informação que daí advém é pertinente.

Resgatar testemunhos orais de trabalhadores da indústria do mármore das décadas de 60 e 70 e 80, permite inclusive abordar duas perspectivas distintas à mesma questão sindical. Por um lado, possibilita conhecer de que forma os operários, independentemente da sua categoria profissional, encararam as oportunidades que o sindicato lhes dava de lutarem por melhores condições de trabalho, fazendo valer-se do “exercício da liberdade sindical” que o Decreto-Lei 215-B/75 estipulava, reivindicando assim as suas intenções com outro tipo de legitimidade.

No sentido inverso, as entrevistas possibilitam, por outro lado, tomar conhecimento da perspectiva da entidade patronal, que era agora obrigada a aceitar que os trabalhadores sindicalizados se reunissem no espaço laboral com os delegados sindicais, tal como previsto no artigo 30º do mesmo documento, bem como ver-se na contingência de ter de negociar e eventualmente ceder às exigências dos trabalhadores legitimadas pelos sindicatos e pela já referida legislação.

Tendo a noção que não seria possível recolher testemunhos de todos os trabalhadores no activo naquele período cronológico, foram realizadas três dezenas de entrevistas, entre 2011 e 2015 tendo sido seleccionada para este estudo uma amostra de nove testemunhos onde a actividade sindical foi abordada. A análise do quadro seguinte, incluindo um conjunto de indivíduos, em certa medida, representativos da indústria e das suas relações laborais, poderá ajudar a perceber como era vivenciado o sindicalismo.

Fazendo uma análise ao quadro 1, constata-se a presença de apenas um patrão e oito operários, englobando o total de seis profissões diferentes, todas elas enquadradas no perfil das profissões prevista no já referido Contracto Colectivo de Trabalho (C.C.T.) para o sector do mármore definido em 1979³⁸. Sendo natural a existência de maior percentagem de operários em relação aos

³⁸ Recorde-se que no C.T.C. estavam previstas 64 categorias profissionais embora muitas delas apesar da diferença de nomenclatura dizerem respeito a profissões iguais.

patrões a amostra reflecte isso mesmo e, nesse sentido, poderá ser representativa, ou pelo menos constituir a análise destas entrevistas um bom indicador das relações laborais da indústria dos mármore.

Quadro 1 - Entrevistados

NOME	IDADE	FUNÇÃO	POSIÇÃO	SÓCIO DO SINDICATO
António Baptista	79	Empresário	Patrão	Não
Eng. Joaquim Duarte	81	Engenheiro de Minas	Quadro	Não
João Carraquico	79	Ferreiro	Operário	Não
Rui Caia	51	Polidor	Operário	Sim
Eng. Joaquim Silva	63	Director	Patrão	Não
António Pernas	80	Burnidor	Operário	Não
João Gonçalves	64	Canteiro	Operário	Não
José Maria Gomes	50	Canteiro	Operário	Sim
Joaquim Canhoto	71	Canteiro	Operário	Não

Noutra perspectiva a selecção das profissões esteve confinada à disponibilidade de possíveis entrevistados e à vontade dos mesmos em prestar o respectivo depoimento e até em abordar objectivamente as dinâmicas sindicais. Houve, todavia, a preocupação de tentar captar opiniões de diferentes categorias profissionais e assim abranger mais áreas com o objectivo de destrinçar de forma o mais efectiva possível a realidade interna das indústrias, não circunscrevendo a análise a uma área ou profissão em particular.

Tendo em atenção a figura n.º 2 e a noção de que houve de facto um índice maior de adesão ao sindicato no momento imediato ao 25 de Abril, a verdade é que com excepção desse período específico o volume de trabalhadores sindicalizados nunca foi muito significativo em função do volume total de trabalhadores do sector. A amostra recolhida parece confirmar essa tendência. Dos nove entrevistados apenas dois (José Maria Gomes³⁹ e Rui Caia⁴⁰) reconhecem a sua filiação sindical, tendo como denominador comum o facto de o terem feito precisamente no período pós 25 de Abril, pois só ingressaram no sector em 1974 e 1982, respectivamente.

Dando voz aos testemunhos pessoais de cada um dos entrevistados foi possível perceber as razões para as opções de cada um e os motivos que evocam

³⁹ Gomes, José Maria Carraquico. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 10 Maio 2011.

⁴⁰ Caia, Rui Fernando Peixinhos. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 9 Maio 2011.

para justificar a sua filiação ou não ao sindicato. Para além disso poderá esclarecer se os benefícios, se é que os houve, que essa ligação sindical lhes trouxe foram efectivos ou ficaram aquém do expectável.

O canteiro José Maria Gomes, ainda no activo, afirma que na primeira empresa onde trabalhou o sindicalismo era uma prática comum a todos os trabalhadores, “eramos todos sindicalizados”, recorda. A sua entrada no sector deu-se precisamente em 1974, altura de grande adesão, correspondendo o depoimento do canteiro aos dados apresentados. A propósito da actividade sindical no contexto laboral José Maria Gomes refere ainda que eram normais as reuniões para se debaterem condições de trabalho e de dinheiro. Reconhece também que o sindicato era por isso uma forma dos trabalhadores conseguirem levar a bom porto algumas das suas reivindicações, embora não esclareça que conquistas foram realizadas. Apesar de tudo confessa que o sindicalismo foi perdendo adeptos e esmorecendo depois dum período inicial de intensa actividade imediatamente após a revolução, constatação que coincide com os dados encontrados.

Por sua vez o polidor de pedra Rui Caia, actualmente fora do sector, admite que apesar de ter sido sindicalizado ao longo dos 27 anos em que trabalhou no mármore (1982-2009), sentiu sempre que “havia aquela pressão” sobre todos os trabalhadores que eram associados do sindicato, que recorde-se havia mudado a sua designação um ano antes para Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil, Mármore e Madeiras do Alentejo. O entrevistado confessa inclusive que para evitar possíveis problemas pagava as cotas fora do contexto laboral “para não ouvir sempre aquele zum zum”, nem “o dedo a apontar”, admitindo a esse propósito que a sua filiação sindical não era do conhecimento da administração. Essa omissão evitava-lhe problemas e a tal “pressão” por parte da chefia, mas revela que era abordado por outros trabalhadores que a si recorriam com pedidos de ajuda e conselhos. Ainda em relação à pressão da chefia, recorda que sempre que havia reuniões de âmbito sindical na empresa o encarregado ameaçava os trabalhadores dizendo-lhes para que fossem “trabalhar senão [ia] tudo para o olho da rua”. Esclarece ainda que motivados por essa pressão, numa retrospectiva à actividade sindical daquela época, “sempre houve poucos sindicalizados” porque havia o medo, sobretudo nos trabalhadores com mais anos de casa, de perder as regalias em função dos anos de trabalho.

Ainda no contexto do operariado do sector do mármore, outros três depoimentos de trabalhadores já fora do activo (João Gonçalves⁴¹, João Car-

⁴¹ Gonçalves, João Domingos Macareno. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Teresa Mesuras. Áudio, 16 Janeiro 2012.

raquico⁴² e Eng. Joaquim Silva⁴³) referem nunca ter aderido à actividade sindical embora reconheçam ser um prática entre alguns colegas. O canteiro João Gonçalves é peremptório e conciso ao afirmar que, não sendo a filiação sindical uma obrigação, “nunca quis”, esclarecendo que foi assunto que nunca o interessou. Na mesma linha de pensamento o ferreiro João Carraquico apresenta dois cenários distintos que têm o dia 25 de Abril como ponto de charneira. Durante o Estado Novo salienta que “ninguém falava em greve, ninguém fala[va] lá em nada” e que “não havia nada de sindicato, não havia cá greves, não havia nada” na empresa para a qual trabalhava. A situação alterar-se-ia com o fim da Ditadura, altura em que relata que começaram a ter lugar “reuniões dos sindicatos lá de Évora a dizer para nós fazermos greve e fazermos isto e fazermos aquilo”. Ainda assim manteve-se firme na sua decisão de não aderir ao sindicato, reconhecendo no entanto que alguns acabaram por aderir.

Numa perspectiva distinta o director de serviço Eng. Joaquim Silva, ingressado no sector em 1978, revela que a actividade sindical foi “muito negativa” para as empresas uma vez que gerou a possibilidade dos trabalhadores fazerem greves “por tudo e por nada”, muitas das vezes sem que existisse, na sua opinião, justificação para tal. Lamenta que assim tenha acontecido, pois esclarece que aquele foi um período de falta de mão-de-obra, que acabaria por motivar a subida dos salários, numa altura em que recorda ter visto “com agrado” as primeiras mulheres nas pedreiras exactamente por causa da falta de mão-de-obra. Esclarece que as questões relacionadas com os salários não tinham a intervenção dos sindicatos e que eram situações resolvidas directamente com a administração. O Eng. Joaquim Silva não foi sindicalizado embora o tolerasse por causa da “juventude da força da revolução” e que por isso acabava por permitir que o delegado sindical reunisse com os sócios no interior das infra-estruturas da empresa, desde que fora das horas de trabalho, geralmente “à hora de almoço”, acrescentando a esse respeito que o delegado era “mais ou menos cumpridor”.

Outra experiência distinta é nos trazida pelo testemunho do empresário António Baptista⁴⁴. Segue a mesma linha de raciocínio do Eng. Joaquim Silva na medida em que sublinha que o pós 25 de Abril trouxe as greves “por tudo e por nada”. Sendo patrão admite que via nos sindicatos e nas greves uma forma de, por um lado, bloquear a produção e, por outro, ser uma inevitabilidade aca-

⁴² Carraquico, João António Pimenta. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 9 Maio 2011.

⁴³ Silva, Joaquim José Barradas. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 30 Maio 2011.

⁴⁴ Baptista, António Inácio Pécurto. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 23 Janeiro 2012.

bar por ter de ceder às exigências dos trabalhadores. Reconhece abertamente que lutou “contra os sindicatos e contra os delegados sindicais” admitindo que na sua empresa havia mesmo um delegado sindical, mas esclarecendo que aquele era “um empregado como os outros”. A sua postura de combate ao sindicalismo tinha também fundamento, de acordo com a sua experiência pessoal, pelo facto do sindicato muitas vezes provocar “a entidade patronal com os trabalhadores”, sublinhando que a esse propósito alguns trabalhadores se tenham tentado apoderar da sua empresa num momento conturbado da vida da mesma e da vida pessoal do entrevistado que repartia a propriedade da empresa com o irmão.

Os restantes três depoimentos, todos de antigos trabalhadores (António Pernas⁴⁵, Joaquim Canhoto⁴⁶ e Joaquim Duarte⁴⁷), apontam todos para o desconhecimento de actividade sindical, não negando a sua existência mas não tendo aderido a qualquer tipo de actividade ou tido conhecimento fundamentado da existência dessas práticas para que possam afirmar claramente o que era e em que consistia. A não prática sindical é referida não só como uma opção pessoal dos entrevistados, mas como um costume generalizado ao enquadramento laboral dos três. O canteiro Joaquim Canhoto indica claramente que havia “um fiscal de trabalho” e que o mesmo nada tinha a ver com o sindicato. Revela apesar de tudo conhecimento da existência do sindicato, salientando ainda assim que era pouca a actividade registada, “pouco apareciam [os sindicatos]” sublinha. Este relato poderá denunciar falta de filiação ao sindicato por parte dos trabalhadores da sua empresa.

Por sua vez o burnidor António Pernas, não negando a existência de actividade sindical, revela não saber ao certo que práticas estavam ligadas ao sindicalismo. Esclarece inclusive que as únicas “questões” que se recorda de viver eram situações relacionadas com os pagamento aos trabalhadores, relacionados com as horas extra e com os abonos de família, e para os quais foi criada uma comissão de trabalhadores da qual fez parte e que nada tinha a ver com actividade sindical.

Por fim, o Eng. Joaquim Duarte reconhece que nunca lidou com actividade sindical, nem nunca notou ou observou esse tipo de práticas aquando da sua passagem pelo sector, referindo que era conhecedor das preferências partidárias dos seus subordinados, mas que isso, não só não foi problema na relação

⁴⁵ Pernas, António Joaquim Santos. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 4 Agosto 2011.

⁴⁶ Canhoto, Joaquim António. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 23 Janeiro 2012.

⁴⁷ Duarte, Joaquim Inácio Dias. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 6 Abril 2011.

entre todos, como também não correspondia a qualquer tipo de actividade ligada ao sindicato.

Em síntese, os nove depoimentos recolhidos permitem perceber que a actividade sindical foi uma realidade no sector dos mármore. No entanto, foi possível concluir que não era uma prática com uma adesão significativa, tendo nos anos imediatos ao 25 de Abril o seu grande momento de adesão e participação. Percebe-se também que havia alguma pressão sobre os trabalhadores sindicalizados e que o patronato não via com bons olhos os sindicatos e delegados sindicais, denunciando algumas das suas iniciativas junto dos trabalhadores. Outro dado interessante é o facto de um terço dos depoimentos salientarem que logo após o final do Estado Novo o sindicalismo ter trazido as “greves por tudo e por nada”, algo que consideravam ter tido um impacto negativo para as empresas numa altura em se destacava a falta de mão-de-obra e o aumento dos salários.

Conclusão

Deste estudo pode-se afirmar com segurança a existência de práticas sindicais no sector dos mármore desde o início da década de 60 do século XX. Apesar disso, a verdade é que, no que diz respeito à adesão efectiva de trabalhadores daquele sector ao sindicato, os dados analisados aconselham alguma contenção, com excepção para o biénio 1974/75, directamente relacionado com o final do Estado Novo e justificado com a legislação aprovada para o efeito. A recolha de testemunhos orais ajuda a confirmar este cenário e diz-nos que com excepção desse biénio o sindicalismo, embora existisse, tinha relativamente pouca adesão.

Os motivos para a reduzida adesão ao sindicato pode ser entendida de quatro formas: desconhecimento, desinteresse, medo ou intolerância. O desconhecimento do que era o sindicato e das respectivas práticas é um cenário apresentado claramente por alguns dos testemunhos recolhidos, tal como a não vontade própria para aderir ao sindicato foi justificação também de uma parte dos trabalhadores. Já o medo das represálias é referido claramente por um dos testemunhos e subentendido por dois outros testemunhos, estes ligados ao patronato e por isso sem interesse na adesão dos trabalhadores às práticas sindicais. Ainda nestes testemunho da chefia, fazem subentender algum tipo de intolerância para com aquelas práticas, visto serem causadoras de interrupções na laboração e geradoras de constantes greves.

Por fim e mesmo tendo em conta os factores acima descritos a actividade sindical, independentemente da sua dispersão pela comunidade laboral, deu aos trabalhadores um mecanismo de reivindicação para que estes lutassem por me-

lhores condições de trabalho, sobretudo no campo financeiro. Os testemunhos recolhidos apontam exactamente nesse sentido. De qualquer forma, e mesmo com as reivindicações a serem muitas vezes levadas em conta pelo patronato, é importante sublinhar que a adesão ao sindicato por parte dos trabalhadores do sector dos mármore não foi massiva senão logo após o 25 de Abril, mas por um curto espaço de tempo, resfriando a participação pouco depois.

Fontes e bibliografia

Arquivo Distrital de Évora, Sindicato dos trabalhadores da construção, mármore, madeiras e materiais de construção do sul/Évora, caixas 1 a 3, 7 a 21, 36, 37, 399 e 460.

Baptista, António Inácio Pécurto. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 23 Janeiro 2012.

Caia, Rui Fernando Peixinhos. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 9 Maio 2011.

Canhoto, Joaquim António. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 23 Janeiro 2012.

Carraquico, João António Pimenta. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 9 Maio 2011.

Gomes, José Maria Carraquico. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 10 Maio 2011.

Gonçalves, João Domingos Macareno. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Teresa Mesuras. Áudio, 16 Janeiro 2012.

Pernas, António Joaquim Santos. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 4 Agosto 2011.

Silva, Joaquim José Barradas. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe e Ricardo Hipólito. Áudio, 30 Maio 2011.

Diário do Governo, I Série, nº 217, de 23 de Setembro de 1933

Diário do Governo, I Série, nº 100, Suplemento I, de 30 de Abril de 1975

Duarte, Joaquim Inácio Dias. *Entrevista*. Entrevista feita por Carlos Filipe. Áudio, 6 Abril 2011.

Congresso de todos os sindicatos, Edições Alavanca nº 7, CGTP – Intersindical, 1977, 148,149.

Estatutos do Sindicato Livre dos Trabalhadores das Indústrias de Construção Civil, Pedreiras, Serração de Madeiras e Carpintaria Mecânica do Alentejo (Abrange os Distritos de Évora, Beja e Portalegre), Tipografia Eborauto, Lda., Évora.

Patriarca, Fátima. “A institucionalização corporativa – das associações de classe aos sindicatos nacionais (1933)” *In Análise Social*, Vol. XXVII (110),

(1991).

Anexo - Categorias profissionais referentes à indústria do mármore.⁴⁸

Acabador – Executa acabamentos manualmente ou com auxílio de máquinas;

Alimentador de britadeira de mármore – Vigia e alimenta a máquina de britar mármore;

Apontador – Elabora em qualquer oficina, pedreira ou obra, as folhas de ponto, ordenados, regista presenças, faltas, toma nota da produção, controla entradas e saídas de matérias primas, produtos, ferramentas, máquinas, etc.;

Brunidor de cantaria - Executa à mão ou auxiliado por máquinas, o polimento de cantaria;

Cabouqueiro de pedreira, Cabouqueiro de pedras, Cabouqueiro de mármore, Montante de mármore, Trabalhador no arranque da pedra ou Arrancador de mármore – Realiza o trabalho de desmonte de pedreiras, desbaste de blocos e seu carregamento, podendo ainda sempre que necessário ajudar na serragem com fio;

Canteiro – Executa trabalhos indiferenciados de cantaria;

Compressorista – Trabalhador que executa trabalhos com recurso a compressor;

Condutor de grua, condutor de grua fixa ou operador de grua – Conduz e manobra equipamentos pesados, gruas;

Condutor manobrador, manobrador de máquinas ou condutor manobrador de máquinas industriais– Conduz e manobra equipamentos mecânicos fixos, semifixos ou móveis, pesados (com tara igual ou superior a

⁴⁸ Grande parte desta nomenclatura encontra-se definida no Contrato Colectivo de Trabalho (C.C.T.) para a indústria de mármore, granitos e ramos afins, realizado em 1979.

3500kg) ou ligeiros (igual ou inferior a 3500kg), tais como pás mecânicas, auto-pás, escavadoras, gruas, etc.;

Cortador de pedra ou cortador de mármore – Corta o mármore em peças por meio de máquinas ou processo manual;

Craponista ou motorista de *crapauds* – Condutor de guincho diferencial motorizado *Crapaud*;

Desbastador de pedra, Desbastador de pedra, Desbastador de mármore, Desbastador de mármore a céu aberto, Marteleiro de pedreiras de mármore– Realiza o trabalho de blocos com recurso a ferramentas manuais;

Dumperista ou motorista de *dumper* – Condutor de camião pesado *Dumper* para transporte de mármore;

Encarregado de mármore – Responsável por todos os serviços de uma pedreira ou de uma oficina;

Encarregado de oficina – Responsável pela oficina ou determinado sector da mesma;

Encarregado de pedreira ou Mestre de pedreira – Responsável por todos os serviços da pedreira;

Encarregado de serração – Responsável pela serração ou determinado sector da mesma;

Encarregado Geral ou Encarregado de firma de mármore – Funções de direcção e chefia no conjunto de oficinas e pedreiras da empresa;

Manobrador de máquina escavadora – Conduz e manobra máquinas escavadoras;

Maquinista de corte – Divide por meio de máquinas, o mármore em peças com as dimensões exigidas;

Maquinista de corte de cantaria - Divide por meio de máquinas, as cantarias com as dimensões exigidas;

Maquinista de pedreira ou manobrador de máquinas na pedreira – Conduz e manobra equipamentos mecânicos e máquinas;

Maquinista na indústria do mármore - Conduz e manobra equipamentos mecânicos e máquinas na indústria dos mármore;

Mestre cabouqueiro de pedreira - Idêntico ao cabouqueiro, mas com categoria e experiência superior;

Mestre serrador de mármore – Idêntico ao serrador de mármore, mas com categoria e experiência superior;

Operador de substâncias explosivas – Executa as tarefas de preparação e accionamento de explosivos;

Operário de pedreira, trabalhador de pedreira, servente de pedreira, trabalhador no mármore – Trabalhador sem qualquer qualificação ou especialização profissional, que trabalha em qualquer local que justifique a sua presença;

Perfurador de broca – Trabalhador que executa trabalhos de perfuração com recurso a broca;

Polidor de mármore ou Brunidor de mármore – Executa à mão ou auxiliado por máquinas, o polimento de mármore;

Polidor manual de cantaria – É o trabalhador que executa, à mão, o polimento de peças de cantaria;

Polidor maquinista de cantaria – É o trabalhador que executa por meio de máquinas o polimento de peças de cantaria;

Polidor maquinista ou polidor mecânico – Executa trabalho de polimento com máquinas;

Serrador com fio helicoidal – Trabalhador que instala, vigia e alimenta o fio de corte helicoidal;

Serrador de fio ou montador de fio – Trabalhador que instala, vigia e alimenta o fio de corte;

Serrador de mármore ou serrador de pedra – Carrega e descarrega os engenhos de serrar, procede à sua afinação e limpeza, vigia e alimenta durante a serragem;

Sub-encarregado – Dirige um grupo de operários e auxilia o encarregado, podendo ser designado para o substituir;

Sub-encarregado de pedra – Responsável por todos os serviços da pedra;

Técnico de vendas – Responsável pela execução e promoção das vendas da firma;

Tratorista de pedra – Conduz e manobra equipamentos e máquinas ligeiras.